

convivem, lado a lado, casando-se numa harmonia superior, que só a complexidade viva, na natureza e na sociedade, alcança quando os elementos em presença se aproximam e conciliam, ao longo do tempo e do espaço”. Em Macau, a memória permaneceu e os sinais da presença cultural do Ocidente são visíveis, apesar de todas as vicissitudes. E “os riscos, tantos e persistentes, foram o cadinho que lhe acrisolaram a alma inconfundível”.

Benjamim Videira Pires conclui as suas sábias e cristalinas reflexões, lembrando que “o passado de Macau é glorioso e belo”. “Teve solavancos, mas não fatalidades. O seu rico e humaníssimo legado pertence à história e projectar-se-á, por longos e longos anos, no futuro”. Assim seja!

CONCLUSÃO

Já o fizemos várias vezes e voltamos agora, a propósito da comemoração do centenário do nascimento de Benjamim Videira Pires (1916-1999), a apelar à republicação das suas obras, com prioridade para *Os Extremos Conciliam-se (Transculturação em Macau)* que,



além de fundamental, continua a suscitar interesse académico.

O IIM, que enriqueceu a sua colecção “Missionários para o Século XXI”, em 2011, com o livro *P. Benjamim Videira Pires, Meu Irmão*, de Francisco Videira Pires, S. J., organizou, logo em Janeiro do corrente ano, uma memorável sessão evocativa da obra daquele sacerdote, pedagogo, historiador e escritor, a qual contou com uma bem concebida intervenção da professora e investigadora Beatriz Basto da Silva, autora da *Cronologia da História de Macau*. Na ocasião,

ela não deixou de reafirmar a “necessidade de reunir a obra dispersa do padre Videira, nomeadamente os artigos que escreveu na revista *Religião e Pátria* e em todas as publicações em que colaborou”.

A *Revista de Cultura*, do agora denominado Instituto Cultural do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, fez bem em lhe dedicar um amplo espaço deste número da sua edição internacional, com vários contributos muito relevantes. O centenário merece, porém, uma celebração muito mais completa, podendo e devendo algumas instituições locais assumir um papel interventor muito mais significativo. Ainda estamos a tempo de o conseguir. **RC**

Padre Benjamim Videira Pires

Percurso de um Educador e Historiador de Macau

AURELIANO BARATA*

INTRODUÇÃO

Em boa hora a *Revista de Cultura* de Macau decidiu dedicar um número especial ao Pe. Benjamim António Videira Pires, S. J., no ano do centenário do seu nascimento. Decisão que nos afigura acertada atendendo ao percurso deste jesuíta, que dedicou ao Território cerca de meio século, deixando uma obra ímpar, como missionário, educador e historiador. O Instituto Internacional de Macau (IIM), já em 2011, na sua colecção “Missionários para o Século XXI”, editou a obra *P. Benjamim Videira Pires, Meu Irmão* (vol. 4), da autoria do Pe. Francisco Videira Pires S. J., que nos proporcionou uma visão mais completa da vida e obra deste emérito jesuíta, filho adoptivo da Macau. Queremos agradecer ao IIM a oferta deste livro, que nos permitiu traçar uma biografia mais fidedigna do homenageado.

O Pe. Benjamim Videira Pires nasceu num período em que a I Guerra Mundial ia já no seu segundo ano, opondo as duas grandes potências hegemónicas de então, o Império Alemão e o Reino Unido, e os seus

aliados, entre eles Portugal, pela declaração de guerra da Alemanha, de 9 de Março de 1916.

Em Portugal, o regime republicano levava seis anos de uma vida conflituosa e instável, com reflexos também em Macau, com a expulsão da Companhia de Jesus e de todas as ordens religiosas, com graves consequências para o ensino e para os mais desprotegidos da sorte do Território.¹ Com a retirada das Irmãs Franciscanas de Maria, que dirigiam o Colégio de Santa Rosa de Lima, Macau ficara sem ensino feminino, levando Luís Nolasco, director e editor do semanário *O Progresso*, de Macau, a escrever em 15 de Outubro de 1916:

“... Em nome da Revolução local de 29 de Novembro de 1910, alguém, sem autorização superior, foi intimar às ilustres professoras do collegio de St.^a Rosa de Lima ordem de despejo [...]. Foram para Tien-sin e para Sio-heng ensinar chinas, quem com tanto aplauso e reconhecimento do publico, ensinava as meninas de Macau.”²

Por outro lado, a turbulência do regime republicano na China, em 1911, teve também reflexos em Macau. O movimento começara em Cantão onde, a 9 de Novembro, o general Hu Hanmin; proclamou a independência da Província. A 2 de Agosto, data tida como certa para o levantamento republicano, milhares de cantonenses procuraram refúgio em Hong Kong e em Macau, entrando neste último território cerca de dez mil pessoas.³ Mas a instabilidade continuou após a renúncia ao poder e morte de Yuan Shikai, em 6 de Junho de 1916, que antes havia restaurado a monarquia e se autoproclamara imperador. Seguiu-se uma luta generalizada entre os generais

* Licenciado em História pela Universidade do Porto e mestre em História Contemporânea pela Universidade de Macau. É autor da obra *O Ensino em Macau, 1572-1979: Contributos para a sua História* (Macau, DSEJ, 1999), tendo colaborado com entradas sobre o ensino em Macau para o *Dicionário Temático de Macau* (Macau: Universidade de, 2010-2011). Colaborou em jornais e revistas com temas sobre o ensino em Macau.

Graduated in History from the University of Porto (1985), has a Master in Contemporary History from the University of Macau (2005). He is author of *O Ensino em Macau, 1572-1979: Contributos para a sua História* (Macau, DSEJ, 1999), having collaborated with inputs on the teaching in Macau for *Dicionário Temático de Macau* (Macau: Universidade de, 2010-2011). He contributed in newspapers and magazines with topics on education in Macau.

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

das várias províncias que se prolongou até 1928.⁴ Com momentos de pausa, devido a intromissões estrangeiras, esta turbulência duraria verdadeiramente até à vitória definitiva de Mao Zedong, na guerra civil (1946-1949) e que apanharia o Pe. Benjamim Videira Pires na Missão de Shiu-Hing.

Como jesuíta, em que a visão do outro é um das traves mestras do seu apostolado, o Pe. Benjamim Videira Pires cedo percebeu que só podia desempenhar cabalmente a sua missão conhecendo o meio em que se movimentava e os particularismos de um território tão *sui generis* como Macau. Daí o estudo da História de Macau, em que a Companhia de Jesus e as ordens religiosas em geral tiveram um papel determinante. Foi esse o percurso do Pe. Videira Pires, trilhando o mesmo caminho dos primeiros jesuítas de Macau, que aqui instalaram a primeira escola em 1572 (Barata, 1999: 50).

O Pe. Benjamim Videira Pires foi um homem multifacetado, como demonstra a obra publicada, distribuindo a sua produção pela biografia, teatro, poesia, apologética, crónica de viagens mas, sobretudo pela História. Foi, sem sombra de dúvida, um dos maiores historiadores de Macau e da Expansão Portuguesa no Extremo Oriente da segunda metade

do século xx. Os trabalhos editados em livro, *A Embaixada Mártir* (1965), *A Viagem de Comércio Macau-Manila nos Séculos XVI a XIX* (1971 e 1987), *Os Extremos Conciliam-se: Transculturação de Macau* (1988), *A Vida Marítima de Macau no Século XVIII* (1993), e em revistas, com destaque para *A Religião e Pátria*, onde publicou a maior parte dos seus

trabalhos, entre eles, “O foro do chão” (1962, vol. XLVIII, pp. 247-252), dão-nos a dimensão do seu labor e rigor.

Propomo-nos neste trabalho seguir o percurso do Pe. Benjamim Videira Pires em Macau (1949-1998)

traçando-lhe um retrato tão fiel quanto possível, e abordando duas das suas dimensões: o Educador e o Historiador. Dividimos este trabalho em cinco partes: nascimento e formação académica e religiosa (1916-1948); os primeiros tempos em Macau; Benjamim Videira Pires, o Educador; Benjamim Videira Pires, o Historiador; Considerações Finais.

NASCIMENTO E FORMAÇÃO ACADÉMICA E RELIGIOSA

Benjamim António Videira Pires nasceu em Torre de Dona Chama, Mirandela (distrito de Bragança), em 30 de Outubro de 1916, sendo o quarto dos sete filhos de Francisco Albino da Conceição Pires e de Adelaide de Jesus Videira Pires. Seu pai fizera o curso completo do seminário, mas não recebeu as ordens sacras, sendo um homem culto, que escrevia para os jornais, versejava com facilidade e até deixou uma novela ao bom estilo de Júlio Dinis. Sua mãe nascera em Edrosa (Vinhais), passando a residir em Torre de Dona Chama aos 12 anos. Ao carácter meditativo do marido associava ela um sentido prático e intuito do governo da casa (Pires, 2011: 13-15).

Terminara a primeira classe quando estava para fazer sete anos. Foi nessa altura que lhe apareceu na face esquerda carbúnculo, quando ainda não existia a penicilina. O recurso habitual para casos destes era o ferro em brasa, que lhe foi aplicado pelo farmacêutico da localidade na ausência do médico. O diagnóstico confidenciado à mãe pelo boticário era de que “o menino não escapa”. Benjamim “percebendo o sussurro desalentado do farmacêutico” colocou as mãos numa estampa antiga de S. Francisco Xavier que estava na parede e prometeu que se o curasse seria missionário como ele (Pires, 2011: 17-18).

Benjamim António escapou e terminou o ensino primário na sua terra natal. O padre jesuíta Anacleto Dias, que estava em Espanha, e se hospedara em casa dos seus pais em 1926, acabou por levá-lo a ele, e a dois irmãos, para cursarem os preparatórios no Seminário Menor de S. Martin de Trevejo (Cáceres), fronteiro ao concelho português de Sabugal (Pires, 2011: 19).

Em 7 de Setembro de 1932 entrou para a Companhia de Jesus, como noviço, na Escola Apostólica de Alpendurada (Marco de Canaveses), onde frequentou o curso de Humanidades Clássicas e Literatura Portuguesa, que concluiu em 1936 (Barata,

1998: 97 e Pires, 2011: 20). Posteriormente ingressou no Instituto Beato Miguel de Carvalho, de Braga, onde fez o primeiro ano de Questões (Física, Química e Matemática), obtendo em 1940 o bacharelato em Filosofia.⁵ Depois foi para a Faculdade de Teologia da Cartuxa, em Granada, dirigida pela Companhia de Jesus, onde estudou durante quatro anos. Regressado a Portugal, foi ordenado sacerdote na Sé da Porto, em 5 de Agosto de 1945, pelo então prelado da diocese, D. Agostinho de Jesus e Sousa (1877-1952).⁶

Já como docente, leccionou Literatura Portuguesa na Escola Apostólica jesuíta, em Macieira de Cambra (Vale de Cambra, distrito de Aveiro), retornando a Espanha, onde em Salamanca completou o seu último ano de Teologia (Pires, 2011: 35). Regressando a Portugal, em 1948, devido à falta do professor de História, entre Maio e Julho, leccionou no Instituto Nun’Álvares das Caldas da Saúde, em Santo Tirso (Pires, 2011: 38).⁷

“Com 30 anos (caso raro, entre jesuítas, que normalmente só terminam a carreira com 32 a 33), só já pensa em cumprir o voto que, criança fizera a S. Francisco Xavier, preferindo Macau,

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

por ficar mais próximo de Sanchoão, onde o grande Apóstolo morrerá.” (Pires, 2011: 38).

Terminado o ano lectivo no Colégio de Santo Tirso, o Pe. Videira Pires fez os preparativos para partir para Macau.

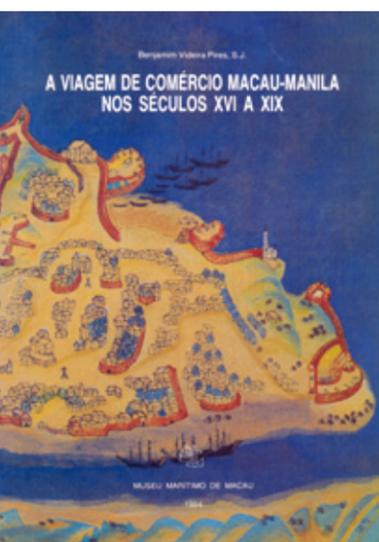
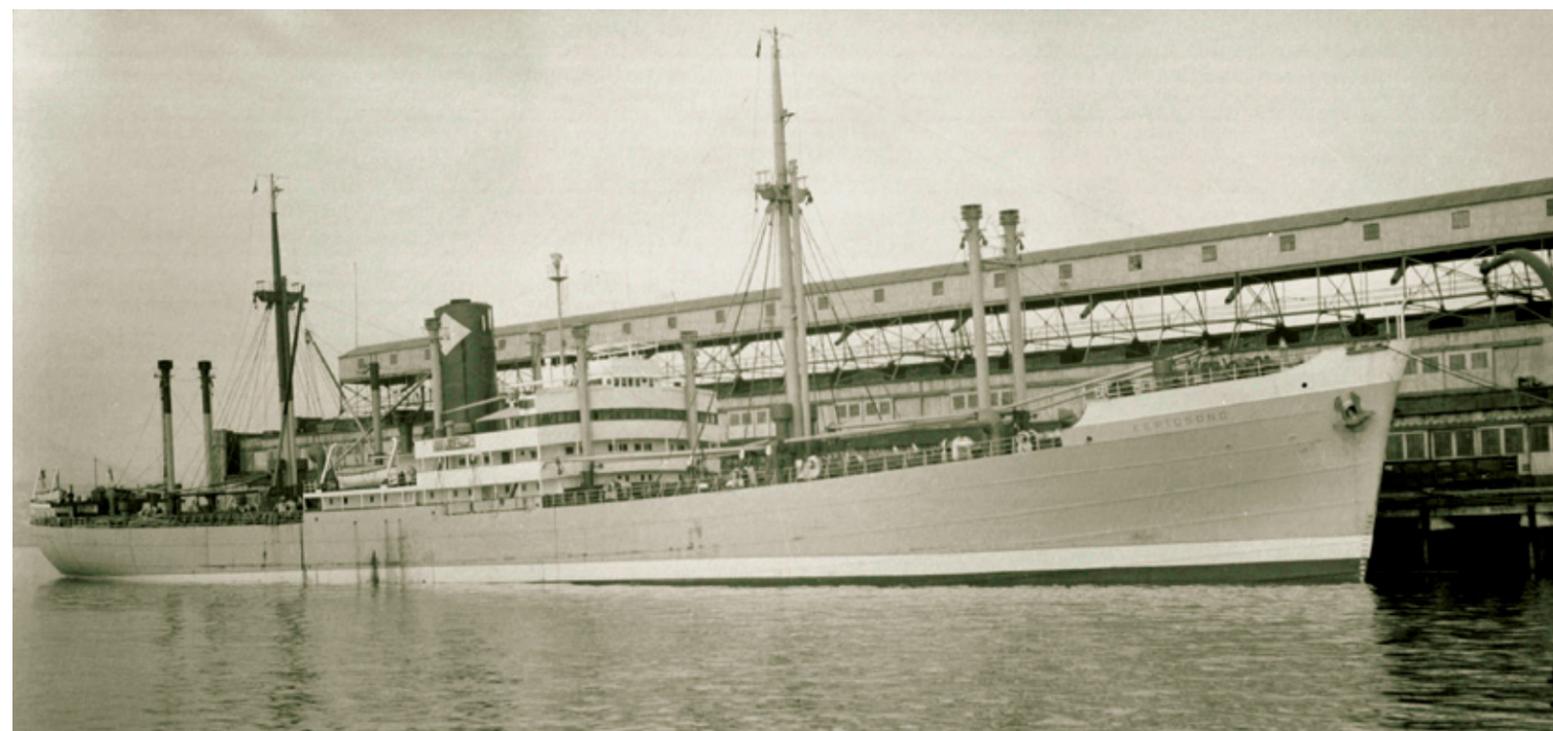
OS PRIMEIROS TEMPOS EM MACAU

Em 7 de Novembro de 1948 o Pe. Benjamim Videira Pires embarcou em Lisboa, no navio de carga e passageiros holandês *Kertosono II*,⁸ da Companhia Koninklijke Rotterdamsche Lloyd, de Roterdão, para prestar serviço nas Missões Portuguesas do Extremo Oriente.

A partir do terceiro dia de viagem passou a registar as suas impressões de viagem num caderno que daria origem ao livro *Meia Volta ao Mundo*, editado em Macau, em 1958, pelas edições *Religião e Pátria*. Na nota introdutória o Pe. Benjamim escreveu:

“Viajar constitui, sem dúvida, um grande prazer e uma grande lição para o homem. A novidade exótica das paisagens e da Natureza, das civilizações e das raças dilatam-nos o coração,

O *Kertosono II*, onde o Pe. Videira Pires viajou de Lisboa para Hong Kong, rumo a Macau (7 de Novembro de 1948-8 de Janeiro de 1949).



BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

o espírito, dando-nos a conhecer, dum modo original e intuitivo, a universalidade da terra e do homem e a variedade harmónica do tema, a beleza da Criação. Nenhuma escola nos ministra ensinamentos mais concretos e saborosos sobre todas as ciências do que uma viagem.”

As suas notas de viagem são reveladoras da sua mente aberta e da vontade de apreender o que a “beleza da criação” lhe proporcionava, dando-lhe a noção da harmonia da Terra e da diversidade das vivências do ser humano de acordo com a geografia. Essas notas revelam também um “retrato comovido da sua alma”, como escreveu o seu irmão Francisco. “Logo de entrada, evocando Camões, como, em muitas das outras páginas, citando os seus poetas, revela o ideal que o guia – a ânsia de dilatar a Fé e o Império” (Pires, 2011: 39).

Chegou a Macau, vindo de Hong Kong a bordo do *Kuantung*, “uma sucata velha, de chaminé alta como um charuto” (Pires, 2011: 11), a 8 de Janeiro de 1949, onde o aguardavam os irmãos de Santo Inácio.⁹

Governava Macau, desde 1 de Setembro de 1947, o capitão-tenente Albano Rodrigues de Oliveira (1904-1973).¹⁰

Quatro dias depois de chegar a Macau seguiu para as missões de Shiu-Hing (Zhaoqing), e Shekki (Zhongshan), na província de Cantão, integradas na Diocese de Macau, a primeira desde 1903, a segunda desde 1908 (Simões, 2014: 62), onde foi aprender a língua e a cultura chinesa. Segundo o seu irmão, aprendeu bem uma e outra, interiorizando-a a ponto de comer como

eles, manejando habilmente os “pauzinhos”, tomando banho com uma toalha molhada, cumprindo as vênias de estilo num banquete e achinesando o seu próprio nome passando a ser conhecido por P’un-Sân-Fû (Pires, 2011: 40). Era esse o *modus operandi* da própria Companhia de Jesus introduzida pela primeira comunidade inaciana que se instalou em Macau no último quartel do século XVI. O Pe. Benjamim Videira Pires apenas se integrou neste espírito.

Manteve-se na Missão de Zhaoqing (Shiu-Hing) até à vitória de Mao Zedong na guerra civil que o opôs ao partido nacionalista de Chiang Kai-shek (Outubro de 1949). Certamente absorto na sua acção missionária, foi surpreendido pelo “triunfo definitivo do maoísmo. Sabendo que estava para ser encarcerado, os seus fiéis, sem olhar a riscos, passaram-no de barco, durante a noite, para território português” (Pires, 2011: 41).

A chegada ao poder de Mao Zedong, na China, preocupou as autoridades portuguesas, embora a mensagem dirigida pelo general Wang Zhu [Wang Chu], comandante do subdistrito militar de Zhongshan, ao governador Albano de Oliveira, afirmasse que não haveria alteração da política chinesa em relação a Macau.¹¹ Todavia surgiram alguns problemas em 1950 levando vários diplomatas portugueses colocados na região e o próprio governador Albano de Oliveira a pronunciarem-se no sentido de Portugal reconhecer o regime comunista de Pequim, que Salazar sempre recusou.

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, O EDUCADOR

Radicado em Macau, o ensino constituiu, desde logo, uma das suas ocupações, sendo que a escola era, desde as origens missionárias da Companhia de Jesus, um dos instrumentos preferidos de evangelização. Foi docente no Liceu Nacional Infante D. Henrique, onde leccionou História e Literatura (Barata, 1998: 98), sendo posteriormente responsável por uma das escolas dos jesuítas. No entanto, o seu sonho era criar uma instituição educativa que abrangesse todo o ensino desde o infantil ao secundário.

O INSTITUTO D. MELCHIOR CARNEIRO¹²Os primeiros passos

O sonho começou a materializar-se quando, em 4 de Setembro de 1961, abriu uma modesta escola primária chinesa frequentada por 40 alunos,



BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

leccionados por uma professora. Escola localizada no rés-do-chão de um edifício alugado na Rua Pedro Nolasco da Silva (Pires, 2011: 96). Foi o primeiro passo de um longo caminho que o levou a erguer o Instituto D. Melchior Carneiro, cujo percurso foi relatado por Monsenhor Manuel Teixeira (1982: 355 e ss) até ao ano lectivo de 1981-1982 e, em 1993, através de uma outra fonte emanada da Direcção dos Serviços de Educação de Macau (DSEJ).¹³

Em Julho de 1962, a escola mudou-se para a Calçada das Verdades n.º 41, possuindo já seis classes, sendo duas da pré-primária e quatro da primária, frequentada por 223 alunos leccionados por sete professores. Em 1963, a escola foi aumentada com mais quatro salas, graças ao apoio da Província Portuguesa da Companhia de Jesus e da Sociedade de Turismo e Diversões de Macau (STDm), que subsidiaram o instituto com 6 800 e 1 800 dólares americanos respectivamente.

Em 1964, o Governo de Macau cedeu gratuitamente um terreno, com a área de 1900 metros quadrados, para além de um subsídio no valor de 50 000 patacas, o que permitiu que a escola pudesse acolher 520 alunos leccionados por 13 professores.

Com os apoios recebidos de Roma, Paris e de Hong Kong, os dois primeiros no valor total de 6000 dólares americanos, e o terceiro de 6000 patacas, construiu-se mais quatro salas, o que permitiu receber mais alunos (586) no ano lectivo de 1965/66, leccionados por 14 professores.

Em 1966/67, com o apoio do Governo de Macau, adquiriu uma modesta casa na Travessa do Penedo n.ºs 8 e 10, que foi posteriormente demolida para a construção de um edifício de três pisos. Isso permitiu que no ano lectivo de 1966-1967, o Instituto D. Melchior Carneiro aumentasse a sua frequência e criasse o ensino secundário. O pré-primário e o primário tinham 660 alunos e 18 professores; o secundário 18 alunos (1.º ano) leccionados por um docente.¹⁴

Em 1969 dá-se um novo e grande salto em frente, graças ao apoio do Governo de Macau, que concedeu um subsídio de 82 000 patacas, que permitiu ao Instituto comprar um horto com a área de 2600 metros quadrados por 89 000 patacas, situado no antigo Pátio da Indigência (hoje Travessa de S. Paulo). Nesse terreno, graças a outros apoios que entretanto recebera, foi construído o primeiro grande bloco destinado ao ensino secundário e à secção comercial, inaugurado em 22 de Dezembro de 1969.¹⁵

O maior bloco do Instituto foi, contudo, construído entre 5 de Outubro de 1971 e 30 de Outubro de 1973, que custou, devidamente mobilado, 1 800 000 patacas. O Governo de Macau participou com 88 526,31 patacas a que se somaram 25 000 provenientes do Instituto Social de Assistência Pública, para o apetrechamento do Dispensário Médico do Instituto.

*Pe. Benjamim Videira Pires
foi um homem multifacetado,
como demonstra a obra
publicada, distribuindo
a sua produção pela biografia,
teatro, poesia, apologetica,
crónica de viagens*

No 15.º aniversário da fundação do Instituto D. Melchior Carneiro, no ano lectivo de 1975-1976, frequentavam a instituição 1327 alunos, sendo 180 no pré-primário, 700 no primário, 381 no secundário, e 66 no curso comercial, leccionados por 50 professores.

Entretanto devido à localização e deficientes condições de instalação do ensino primário, o Instituto perderia muitos alunos. No entanto, graças à participação do Governo de Macau (770 000 patacas), somadas a mais 200 000, doadas pelos filhos do comendador Hou Ho Keng (em memória do pai), foi possível reconstruir, em moldes modernos, a escola pré-primária e a creche, inauguradas, respectivamente, em 15 de Setembro de 1980 e 21 de Setembro de 1981.

Em 1981-1982, o Instituto viu subir, de novo, a frequência de alunos (1160 alunos leccionados por 48 professores), assim distribuídos: 25 crianças na creche, 143 na pré-primária, 405 no secundário, e 45, no curso comercial.

Em 1991, o Pe. Benjamim assinou um artigo para uma obra comemorativa dos trinta anos da instituição, onde resume todo o seu percurso desde o início até ao projecto final (Pires, 2011: 96).

Em 1993, o Instituto ocupava uma área de terreno de 4500 metros quadrados na Travessa de S.

Paulo, onde possuía um prédio de 3 blocos, com 62 salas de aula, um ginásio-teatro, uma biblioteca, dois laboratórios (Física e Química e Ciências Naturais), para além de outras instalações e áreas desportivas, numa área de construção de 5129 metros quadrados, com uma frequência de 2134 alunos.¹⁶

Características e modo de funcionamento do Instituto D. Melchior Carneiro

O Instituto D. Melchior Carneiro era uma instituição de ensino em língua chinesa, propriedade da Província Portuguesa da Companhia de Jesus, fundada pelo Pe. Benjamim Videira Pires e inaugurada em 22 de Dezembro de 1969, pelo governador Nobre de Carvalho (Barata, 1999: 216).

Era constituído por uma creche (surgida na década de 1980), pelas escolas pré-primária e primária, pelo Colégio-Liceu (2.º e 3.º graus) e pelo curso Comercial de dois anos (inicialmente eram três). O ensino pré-primário era de dois anos e o primário e o secundário de seis anos. Este último, segundo os programas em vigor na Formosa (Taiwan), o que permitia aos alunos acederem à Universidade de Taipé.¹⁷ A secção comercial teve sempre um número reduzido de alunos devido à existência de vários cursos no território. Formava guarda-livros e ensinava contabilidade, correspondência comercial, português elementar, dactilografia e inglês geral (Aresta, 1999: 704).

No Instituto, o ano escolar dividia-se em dois períodos: o primeiro, que ia de inícios de Setembro a fins de Janeiro, e o segundo, de Fevereiro (Ano Novo Lunar) a fins de Junho. As aulas paravam no Natal e Ano Novo cristão (5 dias); no Ano Novo Lunar (10 dias), e na Páscoa (4), sendo o mês de Agosto de férias. Cada período constava de 21 ou 22 semanas de aulas, com exames de 7 em 7 semanas. As terceiras 7 semanas do segundo período reservavam-se à repetição geral da matéria que constituía o programa do exame final. Os compêndios escolares estavam organizados segundo este método, em dois volumes, a fim de facilitar as provas bimestrais e do período. Durante o mês de Julho funcionava da parte da manhã o “Curso de Verão”, obrigatório para os alunos novos e para os repetentes nalguma disciplina. As cadeiras repetidas neste curso eram apenas as consideradas mais importantes para o futuro dos alunos: matemática, ciências, literatura e inglês. O Curso Geral era leccionado em chinês e o Comercial em inglês (Aresta, 1999: 704-705).

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

Grças à sua persistência, prestígio como pedagogo¹⁸ e à rede solidária que constituiu, o Pe. Benjamim Videira Pires ergueu uma obra ímpar na área da educação em Macau. Em 10 de Dezembro de 1999, o Instituto Dom Melchior Carneiro deu lugar ao Instituto Ricci.¹⁹

O problema da substituição do director do Instituto D. Melchior Carneiro

Em 1994 o Pe. Benjamim Videira Pires fizera 78 anos, 45 deles passados em Macau, 33 dos quais dedicados à obra da sua vida, o Instituto D. Melchior Carneiro. No final desse ano ou nos inícios do seguinte, o Superior da Província Chinesa da Companhia de Jesus, com sede na Formosa, resolveu substituir o fundador e director da instituição (Pires, 2011: 103), nomeando um novo director, o Pe. Joseph Mark Tai.²⁰

Contudo, o Pe. Benjamim não se conformou em abandonar a instituição que fundara e era a razão primeira da sua vida e que, juridicamente, pertencia à Província Portuguesa da Companhia de Jesus. Gerou-se então um lamentável conflito que levaria à intervenção da Direcção dos Serviços de Educação de Macau, que emitiu um comunicado, em 24 de Julho de 1996, suspendendo as actividades escolares do Instituto no final do ano lectivo 1995-1996. Viveu-se um período muito turbulento que só terminou a 6 de Agosto de 1998, quando o Pe. Benjamim Videira Pires regressou definitivamente a Portugal, num voo da TAP, onde viria a falecer na sua terra natal, cinco meses depois, em 10 de Janeiro de 1999.

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, O HISTORIADOR

O Pe. Benjamim Videira Pires foi acima de tudo um historiador, seguramente o maior orientalista em língua portuguesa da segunda metade do século xx. Abordou, sobretudo, o papel dos Jesuítas em Macau e no Oriente e a presença dos portugueses na mesma região.

A 6 de Janeiro de 1955 assume a direcção da revista *Religião e Pátria*, órgão da Companhia de Jesus de Macau, substituindo o Pe. Rogério Frutuoso, S. J., que regressara a Goa como Superior da Ordem (Pires, 2011: 53). É nesta revista que publicará, desde 1955 a 1967 grande parte dos seus estudos históricos; já aí editara, em 1952, “A emigração da China” (vol. xxxviii, n.º 6).

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM



Recepção do Pe. Benjamim Videira Pires na Academia Portuguesa de História.

Já como director da revista publicou “D. Melchior Carneiro, S. J.”, o padroeiro do seu Instituto, “Seminário de S. José de Macau”, “Achados arqueológicos de Macau”, “Santos Padroeiros de Macau” (todos no vol. XLI, 1955). Na mesma revista publicaria “O foro do chão (1962, vol. XLVIII, pp. 247-

-252), e no *Boletim do Instituto Luís de Camões*, em 1966 (vol. I, pp. 319-334), com maior desenvolvimento. Destaque, também, para “A vida marítima de Macau no século XVIII”, editado em 1967 (vol. LIII, pp. 125-175), posteriormente editado em livro (1993), pelo Instituto Cultural de Macau (ICM) e Museu Marítimo

de Macau,²¹ “A viagem de comércio Macau-Manila nos séculos XVI a XIX (vol. 5, pp. 5-120”, que teve uma primeira edição em 1971, pela Imprensa Nacional de Macau, e uma segunda, em 1987, pelos Serviços de Marinha de Macau.²²

Notável foi o seu ensaio histórico *Os Extremos Conciliam-se (Transculturização em Macau)*, com uma primeira edição em 1987 e uma segunda, em 1992, ambas do ICM. Trata do processo de transculturização entre a cultura portuguesa e chinesa de Macau, vertida para chinês por Su Qin.²³ É como se os portugueses e chineses de Macau houvessem bebido a cultura um do outro, e dessa fusão tivesse nascido um outro ser, o luso-chinês, independente da língua e da nação de pertença (Pires, 2011: 73).

António Aresta, referindo-se a esta obra, escreveu:²⁴

“Bastava este livro para o relevar como uma referência incontornável no debate da sinologia portuguesa contemporânea, porque convoca para a reflexão a filosofia e a religião, a ética, a moral e a antropologia.”

Taprobana e Mais Além... Presenças de Portugal na Ásia, é a última obra do Pe. Benjamim Videira Pires publicada pelo ICM, em 1995, onde o autor passa em revista a presença portuguesa na Ásia: Sri Lanka (Taprobana), Birmânia, Camboja, Tailândia, Indonésia, Malásia, Vietname, Laos, Filipinas e Japão, numa síntese histórica cultural e política das suas identidades, com o habitual rigor das suas fontes documentais.

A Embaixada Mártir, editada em 1965, pelo Centro de Informação e Turismo de Macau, teve uma 2.ª edição do ICM, em 1988; não sendo considerada pelo autor a obra mais importante, era a que o Pe. Benjamim mais acarinhava (Pires, 2011: 88).

Nos catálogos das obras do Pe. Benjamim Videira Pires que a Biblioteca Central de Macau editou em 1992 e 1997, com nota introdutória do seu então director, Jorge Arrimar, figuravam 57 títulos, não referenciando dois títulos que o irmão do autor acrescenta: *Xavier em Sanchoão. A Ilha de Sanchoão, Ontem e Hoje (Monografia Histórica)*, editado em 1994 pelo Instituto D. Melchior Carneiro,²⁵ e *D. Maria de Além-Mar: Um Mês pela Índia Portuguesa*,²⁶ editado em Braga em 1995, pelo Apostolado da Imprensa (Pires, 2011: 85 e 87).

A sua produção é tão rica e prolixa que não permite uma abordagem mais detalhada nos estreitos limites deste artigo. O seu prestígio como historiador

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

fê-lo sócio correspondente da Academia Portuguesa de História bem como membro efectivo da Academia de Marinha, do Instituto Histórico Ultramarino, integrando, em 1961, o International Association of Historians of Asia, na categoria de governador, com sede em Manila (Filipinas).

O seu rigor é realçado pelo seu irmão Francisco (2011: 81-82):

“Procurava sempre ir às fontes, que, à falta de fotocopiadoras, as mais das vezes transcrevia à mão, cotejando depois tudo, palavra a palavra, com o texto da obra, respeitando até a própria ortografia da época. Chegava a regressar ao mesmo arquivo, português ou estrangeiro, para de novo se certificar da exactidão dum texto já copiado, anos antes. [...]

Estudou todos os cemitérios de Macau, em particular o dos cristãos *parsis*, que no território se refugiaram, para fugir à perseguição dos turcos, [...] Quando não conseguia fotografar as legendas das campas, com muita habilidade e exactidão, desenhava-as em folhas, de que guardo vários exemplares, anotando frequentemente, ali mesmo ao lado dos desenhos, particularidades mais relevantes.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentámos neste artigo dedicado ao centenário do Pe. Benjamim Videira Pires, S. J., traçar o seu percurso que, desde cedo, o levou a entrar na Companhia de Jesus e a ir para Macau para, no dizer de seu irmão Francisco, ficar mais perto do túmulo de S. Francisco Xavier, na ilha chinesa de Sanchoão. Após ter concluído o ensino primário na sua terra ingressou de imediato em escolas apostólicas da Companhia de Jesus, onde fez toda a sua formação académica e religiosa, que terminou em 1948, com 32 anos. Depois de um breve período de docência em Santo Tirso, preparou-se para a grande viagem da sua vida. Partiu para Macau em 7 de Novembro de 1948 chegando à Cidade do Nome de Deus em 8 de Janeiro de 1948. Mas pouco tempo aí se deteve, partindo para as missões da Diocese de Macau, na província chinesa de Cantão, onde aprendeu a língua, os costumes e o cerimonial chinês, que interiorizou. A turbulência ocasionada pela vitória de Mao Zedong na guerra civil que o opôs a Chiang Kai-shek trouxe-o de novo para Macau, por volta de 1950.

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

De 1950 a 1998 desenvolveu toda a sua obra: a educativa (Instituto D. Melchior Carneiro) e a histórica, tornando-o seguramente no maior historiador português de Macau e do Oriente, da segunda metade do século xx.

Na sessão solene de boas-vindas ao Presidente Jorge Sampaio, realizado no Palácio da Praia Grande, em 18 de Março de 1999, o então Presidente da República Portuguesa, usando da palavra referiu-se ao Pe. Benjamim Videira Pires nestes termos:²⁷

“... o Padre Benjamim Videira Pires, que recentemente nos deixou, e que aqui invocamos como símbolo, entre todos, do espírito de missão, príncipe da cultura portuguesa, que se fez educador e sinólogo de mérito assinalável, em mais de meio século de convivência com este Macau que tanto amava. E nessa paixão, contribuiu como poucos para que, no dealbar do milénio, fosse tão clara para todos a identidade e singularidade desta terra que serviu.”

Era a primeira homenagem prestada pelo Estado Português após o passamento deste jesuíta transmontano, que dedicou o melhor tempo da sua vida a Macau. Seu irmão Francisco, presente na sala, recebeu das mãos do então Chefe do Estado, em nome da família, a Ordem Militar de Santiago da Espada: grande colar de Ciências, Letras e Artes, com que fora agraciado, a título póstumo, seu irmão Benjamim. Já em 4 de Outubro de 1973 fora agraciado com o Grau de Oficial da Ordem do Infante D. Henrique (Pires, 2011: 77-79).

Bragança, a cidade-sede do seu distrito natal, também o não esqueceu, dando a uma rua da cidade o seu nome, na freguesia da Sé. No ano do centenário do seu nascimento, Macau, através do seu Instituto Cultural, presta-lhe homenagem com este número da *Revista de Cultura*. É uma justíssima homenagem a um filho adoptivo da terra, que trabalhou para o seu engrandecimento durante perto de meio século. **RC**

NOTAS

- 1 Pelo abaixo-assinado encabeçado por Pedro Nolasco da Silva dirigido ao então Ministro das Colónias, publicado no jornal *Vida Nova*, de 27 de Novembro de 1910, sabemos que os jesuítas abandonaram Macau na véspera da publicação da sua expulsão no *Boletim Oficial de Macau* (19 de Novembro de 1910). O apelo ao Ministro das Colónias ia no sentido de suspender a ordem de expulsão das ordens religiosas de Macau. Um telegrama de Lisboa, de 19 de Novembro desse ano, suspendeu as expulsões com excepção dos jesuítas, mas acabou por não ser cumprido devido ao movimento de 29 de Novembro de 1910. Cf. João Botas, “A Rua de António Bastos”, in *Jornal Tribuna de Macau*, artigo de opinião, de 5 de Dezembro de 2014.
- 2 Cf. Luís Nolasco *A Educação das Meninas em Macau*, p. 1. A Casa de Beneficência, dirigida pelas Canossianas, deixou de funcionar após os acontecimentos de 29 de Novembro de 1910, em que um grupo pró-republicano se manifestou, com armas na mão, para fazer sair rapidamente de Macau as ordens religiosas expulsas por um decreto da República Portuguesa (Barata, *O Ensino em Macau 1572-1979: Contributos para a Sua História*, p. 195).
- 3 Cf. Ofício do cônsul de Portugal em Cantão ao Governador de Macau, de 28 de Outubro de 1911, Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros (AMNE), 3.º P A12 M.20/21, citado por Saldanha (2011: 1236).
- 4 “História da República da China” (1912-1949, in [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Rep%C3%ABlica_da_China_\(1912%E2%80%941949\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Rep%C3%ABlica_da_China_(1912%E2%80%941949)). Visitado em 02/12/2015.
- 5 Os jesuítas regressaram a Braga em 1934 e criaram na Rua de S. Barnabé o Instituto Beato Miguel de Carvalho para o estudo da Filosofia. Estudo esse que, em 1942, o Ministério de Educação reconheceu como Curso Superior de Ciências Filosóficas. Em 1947, foi elevado a Faculdade Pontifícia e, em 1967, passou a Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa. Cf. “Universidade Católica Portuguesa”, in <http://www.braga.ucp.pt/site/custom/template/ucptplfac.asp?sspageID=1341&lang=1> (visitado em 18/12/2015).
- 6 Foi bispo de Lamego entre 1935 e 1942 e do Porto de 1942-1952.
- 7 Este instituto viera de La Guardia, Galiza, em frente a Caminha, onde esteve de 1916 a 1932 quando a implantação da II República espanhola os expulsou, transferindo-se para o hotel das Caldas da Saúde, em Santo Tirso, pelo que ficou conhecido como o Colégio das Caldinhas, in http://www.institutonunlvres.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=4&Itemid=9 (visitado em 12/12/2015).
- 8 Construído na Alemanha em 26 de Novembro de 1936, esteve ao serviço da companhia holandesa desde 1946, cf. “Navios e navegadores”, in http://naviosnavegadores.blogspot.pt/2008/04/companhias-holandesas-rotterdamche_22.htm.
- 9 A comunidade jesuítica da cidade era composta de padres e irmãos leigos, alguns deles nativos, que mantinham um colégio e uma paróquia florescentes.
- 10 Este oficial da Marinha teve uma longa permanência em Macau durante a juventude, tendo também exercido o cargo de cônsul-geral interino em Cantão (1937-1938) e presidente do Leal Senado (1939). Tomou posse em Lisboa a 7 de Agosto de 1947, cf. *Boletim Geral das Colónias* ano XIII, n.º 266-267, 1947, Agosto-Setembro, pp. 3-5 e 92.
- 11 Cf. Moisés Silva Fernandes, “Enquadramento das relações luso-chinesas entre 1949 e 1966”, pp. 302-303.
- 12 A criação e funcionamento de instituições educativas de Macau, da Igreja Católica, eram reguladas pela Concordata e pelo Acordo Missionário entre a Santa Sé e a República Portuguesa, assinados em 7 de Maio de 1940, e pelo Estatuto Missionário (Decreto-Lei n.º 31 207, de 5 Abril de 1941), conjugado com o Diploma Legislativo Ministerial para a Diocese de Macau, de 28 de Junho de 1952 (*Boletim Oficial de Macau* n.º 26, de 29 de Junho de 1952).
- 13 Veja-se também António Aresta, “Benjamim Videira Pires: Um Educador Português em Macau”, pp. 699-709.

- 14 O Instituto D. Melchior Carneiro obteve licença para leccionar o ensino pré-primário e primário pelo Alvará n.º 5 dos Serviços de Instrução de Macau, de 29 de Abril de 1962, e pelo respectivo averbamento na mesma Repartição, exarado no sobredito Alvará, em 7 de Outubro de 1966. Cf. “Escolas dos Jesuítas”, in <http://www.library.gov.mo/macreturn/DATA/PP271/PP271458.HTM> (visitado em 17/12/2015).
- 15 Os apoios foram da Diocese de Macau (25 000 patacas), da Propaganda da Fé, de Roma (7000 dólares americanos), do Comissário das Nações Unidas para os Refugiados (20 000 dólares americanos), e do Banco Nacional Ultramarino (15 000 patacas).
- 16 Cf. Henrique Vieira e Chan Chon Keong, *Estabelecimentos de Ensino de Macau*, pp. 230-231.
- 17 Cf. “Escolas dos Jesuítas”, in <http://www.library.gov.mo/macreturn/DATA/PP271/PP271458.HTM> (visitado em 17/12/2015).
- 18 Sobre educação, o Pe. Benjamim Videira Pires publicou no *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau* (BEDM), em 1981, um artigo sob o título “A Educação em Macau e o esboço de solução de problemas” (vol. 79, n.º 918, 1981, Julho/Agosto, pp. 48-62).
- 19 Ver “Instituto Ricci de Macau”, in https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_Ricci_de_Macau (visitado em 21/12/2015).
- 20 Ver em https://groups.google.com/forum/#!msg/pt.ensino/pAATEcc0_aA/VENWJ7_AVAJ o texto *The Institute Melchior Carneiro Community* (visitado em 15/12/2015).
- 21 Coleção Documentos e Ensaios n.º7.

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

- 22 Este tema foi objecto de uma Comunicação apresentada pelo Pe. Benjamim Videira Pires no 5.º Congresso da Associação Internacional de Historiadores da Ásia e foi reimpresso, em 1994, pelo Centro de Estudos Marítimos de Macau. Não conseguimos identificar o local e ano deste Congresso.
- 23 Cf. Catálogo Bibliográfico de Autores Portugueses em Línguas Orientais (Chinês), in http://www.carloscorreia.net/ipor/edicoes/edicoes_catalogo_bibliografico.html (visitado em 10/12/2015).
- 24 Cf. “Figuras de Jade – Benjamim Videira Pires”, *Jornal Tribuna de Macau* n.º 3588 (nova série), de 21 de Outubro de 2010.
- 25 Trata-se de uma obra de pequena tiragem (58 páginas), em que relata com minúcia lugares, “apoiado em mapas antigos, as informações acerca da evolução por que passara o culto do Santo, no local, as peregrinações que promoveu até lá, o rigor de todo o texto, convertem o trabalho numa achega valiosa à biografia monumental de Schurammer, no que respeita a Sanchoão” (Pe. Francisco Videira Pires, *P. Benjamim Videira Pires, Meu Irmão*, p. 86).
- 26 Trata-se de um estudo sobre uma princesa indiana que morrerá mártir (premiado pela Academia Portuguesa de História). Este trabalho surgiu na sequência de um levantamento cultural de que foi incumbido pelo Instituto Cultural de Macau, sobre a situação das relíquias da cultura portuguesa em Goa, Damão e Diu (*ibidem*, p. 87).
- 27 Cf. Arquivo do Presidente Jorge Sampaio, vol. 4, Cap. XII, Macau, pp. 403-445, p. 407, in <http://jorgesampaio.arquivo.presidencia.pt/pt/biblioteca/livros/volume4.pdf>. (visitado em 23/12/2015).

BIBLIOGRAFIA

- Aresta, António (1999). “Benjamim Videira Pires: Um Educador Português em Macau”. *Administração - Revista da Administração Pública de Macau*, n.º 45, pp. 699-709.
- (2010). “Benjamim Videira Pires”. *Jornal Tribuna de Macau*, n.º 3588 (nova série), de 21 de Outubro.
- Barata, Aureliano (1988). “Missionários de Bragança no Oriente,” *Brigantia: Revista de Cultura*, vol. XVIII, n.º 3/4, Jul-Dez, pp. 95-109.
- (1999). *O Ensino em Macau 1572-1979: Contributos para a Sua História*. Macau: Direcção dos Serviços de Educação e Juventude.
- Boletim Geral das Colónias*, ano XIII, n.º 266-267, 1947, Ag./Set., pp. 3-5 e 92.
- Boletim Oficial de Macau* n.º 26, de 29 de Junho de 1952.
- Botas, João (2014). “A Rua de António Bastos”, *Jornal Tribuna de Macau*, de 5 de Dezembro de 2014.
- Fernandes, Moisés Silva (1998). “Enquadramento das relações luso-chinesas entre 1949 e 1966”. *Administração - Revista da Administração Pública de Macau*, n.º 40, pp. 302-303.
- Nolasco, Luís (1916). “A Educação das Meninas em Macau”, *O Progresso*, n.º 7, de 15 de Outubro de 1916.

- Pires, Pe. Benjamim Videira (1981). “A educação em Macau e o esboço de solução de problemas”. *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, vol. 79, n.º 918, Jul./Ag., pp. 48-62.
- Pires, Pe. Francisco Videira (2011). *P. Benjamim Videira Pires, Meu Irmão*. Macau: Instituto Internacional de Macau.
- Vieira, Henrique e Chan Chon Keong, coord. (1994). *Estabelecimentos de Ensino de Macau*. Macau: Direcção dos Serviços de Educação e Juventude.
- Saldanha, António Vasconcelos de (2011). “Sun Yat-Sen e a fundação da República Chinesa vistas de Portugal: Uma aproximação política e diplomática”. *Administração - Revista da Administração Pública de Macau*, n.º 94, pp. 1233-1262.
- Simões, Rui Fernando Almeida (2014). *Uma Educação para a Diáspora: Os Territórios da Educação de Matriz Portuguesa nos Manuais Escolares para o Ensino da Língua Chinesa Editados em Macau (1884-1912)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas [Tese de Doutoramento em Ciências da Educação].
- Teixeira, Manuel Pe. (1986). *A Educação em Macau*. Macau: Direcção dos Serviços de Educação e Cultura.
- Vida Nova*, de 27 de Novembro de 1910.